

Cadernos da Comunicação

Série Memória

Correio da Manhã

Compromisso com a verdade



Prefeitura
da Cidade **RIO**
Secretaria Especial de Comunicação Social

Os Cadernos da Comunicação são uma publicação da Secretaria Especial de Comunicação Social da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro.

Todos os direitos desta edição reservados à Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Prefeitura.



Secretaria Especial de Comunicação Social

Prefeito

Cesar Maia

Secretária Especial de Comunicação Social

Ágata Messina

CADERNOS DA COMUNICAÇÃO

Série MEMÓRIA

Comissão Editorial

Ágata Messina

Leonel Kaz

Milton Coelho da Graça

Regina Stela Braga

Ruth Ferreira

Edição

Regina Stela Braga

Redação

Andrea Coelho

Flávia David

Idalácio Manoel de Oliveira Filho

Revisão

Alexandre José de Paula Santos

Projeto gráfico e diagramação

John Lee Murray

Capa

Carlos Amaral/SEPE

Fotografia

Alberto Jacob



A idéia de se editar os Cadernos da Comunicação surgiu a partir da vontade de contribuir, de alguma forma, para estimular o debate sobre a função dos meios de comunicação na sociedade contemporânea, a importância do papel representado pela mídia e pelos jornalistas e de que maneira é exercido este papel, e, principalmente, as relações mídia-políticas e mídia-governo. Mas, se por um lado pretendemos abordar temas capazes de suscitar a discussão tanto nas faculdades quanto nas redações, por outro não podíamos deixar de lembrar os grandes jornais, revistas, emissoras de rádio e de televisão que já existiram no Rio de Janeiro. E quando falamos de imprensa carioca estamos falando de imprensa nacional, pois a nossa cidade, como capital federal, foi o palco onde se desenrolaram os fatos mais significativos da história moderna e contemporânea do país.

A partir desses objetivos decidiu-se, então, dividir a coleção em dois segmentos. O primeiro, dedicado à divulgação de estudos, de novas idéias, questionamentos, discussões sobre Comunicação no seu sentido mais amplo, através de trabalhos de conclusão de cursos de graduação e pós-graduação, mestrado ou doutorado, seminários, traduções de autores estrangeiros, tudo aquilo que seja capaz de gerar novas reflexões. O segundo segmento é dedicado a resgatar a memória da imprensa nacional, principalmente do Rio de Janeiro. É preciso não deixar as lembranças se apagarem. É vital para os jovens jornalistas conhecer os veículos de comunicação que já circularam e a razão de não mais existirem. É importante resgatar a memória da nossa cidade e nada melhor para isso do que fazê-lo através da nossa imprensa.

Os Cadernos da Comunicação se destinam, principalmente, aos jovens que se preparam para exercer a profissão de jornalista, aos jornalistas que integram o Sistema de Comunicação Social da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, aos professores dos cursos de Comunicação e a todos aqueles que se interessam pelo tema.

Estimular o debate com o objetivo de aprimorar o conhecimento e resgatar a memória de uma cidade e de um país estão entre as ações que se esperam do Poder Público. Ao lançar os Cadernos da Comunicação, a Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro certamente estará atendendo a esta expectativa.

CESAR MAIA

Prefeito da Cidade do Rio de Janeiro



“Se dependesse da minha decisão de ter um governo sem jornais ou jornais sem um governo, não hesitaria um momento em preferir a segunda alternativa.”

Thomas Jefferson, 1743-1826

“A imprensa é a vista da nação.”

Rui Barbosa, 1849-1923

“Jornal é controvérsia”

Paulo Bittencourt, 1895-1963



Sumário

Uma história de coragem - 11

Nasce um jornal de opinião - 13

Vacina ou morte - 15

Pelo engajamento na guerra - 17

Texto de mestres - 21

Os canhões da Intentona Comunista - 23

O Estado Novo e a Segunda Guerra - 25

A Copa perdida em casa - 27

Grandes amigos e poderosos inimigos - 29

Uma foto vale por mil palavras - 31

Os anos de chumbo - 33

A agonia de um bravo - 35

Eles viveram essa história - 37

Evocação sem nostalgia - 39

Fuad Atala

Da necessidade de falar bem - 42

Carlos Heitor Cony

O *Correio* ainda vive - 45

Bertholdo de Castro

O mais influente do Brasil - 48

Marcio Moreira Alves

“Pega a máquina, sai por aí e te vira” - 51

Erno Schneider

O jequitibá da Avenida Gomes Freire - 53

Jorge Leão Teixeira

Vamos falar de mulheres? - 55

Fernanda Gurjan

Caminhando com os leitores pelos recantos do Rio - 58	<i>Idalicio Manoel de Oliveira Filho</i>
Um gigante não vive como anão - 61	<i>Celso Itiberê</i>
O meu primeiro emprego - 64	<i>Heloisa Daddario</i>
Trinta e um anos de <i>Correio</i> - 66	<i>José Fernandes</i>
Faculdade sem vestibular - 69	<i>Luiz Bravo</i>
Escola de jornalismo e de vida - 72	<i>Luiz Carlos de Souza</i>
“Não é melhor começar por baixo?” - 75	<i>Oziel Peçanha</i>
Um jornal para confrontar e enfrentar o poder - 77	<i>Pedro do Coutto</i>
Bibliografia - 80	

Uma história de coragem



Nasce um jornal de opinião

O primeiro número do *Correio da Manhã* apareceu no dia 15 de junho de 1901, um sábado. Naquele início de século, o Brasil encontrava-se mergulhado em problemas herdados de um passado colonial, com uma economia incipiente e a maior parte de sua renda no exterior, e ainda conturbado por ecos de movimentos políticos como a Guerra de Canudos, a abolição da escravatura e a Proclamação da República.

A redação era na antiga Rua Moreira César 117 (a atual Rua do Ouvidor), no Centro do Rio. Passou depois pelo Largo da Carioca 13, até chegar a seu endereço definitivo, na Gomes Freire 471. A imprensa já havia ampliado o seu domínio político e econômico, apesar de manter a concentração física no eixo Rio–São Paulo. O primeiro número tinha seis páginas, sendo três de anúncios.

O *Correio* surgia num momento em que o jornalismo carioca era acusado de estar, quase todo, a serviço do governo, sem independência e sem voz. Frequentes denúncias de suborno, além de uma subvenção regular, paga com o dinheiro público, afetavam e comprometiam grandes jornais.

A posição do *Correio* era contra as oligarquias, contra as forças governamentais que se distanciavam dos direitos do povo. Naquele sábado de junho de 1901, o editorial de Edmundo Bittencourt – “Compromisso com a verdade/Um jornal de opinião” – dizia a que vinha:

“Poucas palavras e muita sinceridade, porque desta coluna estamos escrevendo para o povo.

O *Correio da Manhã* não tem nem terá jamais ligação alguma com partidos políticos.

(...) jornal que propõe, e quer deveras defender a causa do povo, do comércio e da lavoura, entre nós, não pode ser um jornal neutro. Há de, forçosamente, ser um jornal de opinião, e, neste sentido, uma folha política.

(...) Mas desta política, desapaixonada e nobre, só uma imprensa francamente independente pode se ocupar.

14 *Cadernos da Comunicação*

(...) O povo está cansado, o povo sente que lhe ocultam a verdade, e que transformam até seus clamores em uma antífona sacrílega de aplausos. O povo quer a verdade, ele compreende que só ela salva e redime, embora às vezes fira.

E hoje, mágoa é dizê-lo, todo o programa de um jornal, sincero e independente, pelo qual o povo anela, se pode resumir nestas palavras: dizer a verdade.

É para dizê-la que aqui estamos.”

A galeria das personalidades mais conhecidas do jornalismo era, de modo geral, a mesma das personalidades mais conhecidas da política e da literatura. Companheiro de escritório de Rui Barbosa, seu colaborador em *A Imprensa* e correligionário da Campanha Civilista, Edmundo Bittencourt levou para o jornal que acabara de fundar nomes como Medeiros e Albuquerque, Carlos de Laet, José Veríssimo, Alberto de Oliveira, Leão Veloso, Afonso Celso, Coelho Neto, Evaristo de Morais, Artur Azevedo.

Na época, governava o país o Presidente Campos Sales, apologista da aproximação da imprensa como “razão de Estado”, tese defendida em seu livro *Da propaganda à Presidência da República*. O *Correio* estava na oposição.

Vacina ou morte

O *Correio* era liberal, inovador e posicionava-se quase sempre a favor de medidas em prol do saneamento e da modernização da Cidade do Rio de Janeiro. Mas equívocos houve, e grandes. Em 1904, foi contra a vacinação obrigatória, “o monstruoso projeto” de Oswaldo Cruz no governo de Rodrigues Alves. Reportagens, editoriais e charges comparavam a medida sanitária a um meio de esmagar a liberdade individual.

“O governo arma-se desde agora para o golpe decisivo que pretende desferir contra os direitos e liberdades dos cidadãos desse país. A vacinação e revacinação vão ser lei dentro em breve, não obstante o clamor levantado de todos os pontos e que foi ecoar na Câmara dos Deputados através de diversas representações assinadas por milhares de pessoas.” (7 de outubro de 1904)

Não se empolgou também com as solenidades comemorativas da inauguração da Avenida Central, atual Rio Branco, como mostra o editorial “Luxo e Miséria”, de 16 de novembro de 1905:

“(…) A inauguração, apesar do número de pessoas presentes, esteve fria.

(…) O povo, divorciado por completo das festas e pagodes oficiais, não teve uma aclamação, não teve um viva, para o presidente da República. (…)

(…) O dinheiro do contribuinte foi esbanjado, foi desperdiçado em indenizações vergonhosas em que se abarrotou a advocacia administrativa, foi distribuído em negociatas e arranjos. (…)”

O *Correio* teve personalidades que encantaram o memorialista Luiz Edmundo, autor de *O Rio de Janeiro do meu tempo* (1940). Dentre elas, o redator-chefe Leão Veloso Filho, que usava o pseudônimo

Gil Vidal, cozinheiro de mão cheia e que deu nome à famosa “sopa à Leão Veloso”. Tanto ou mais do que com as pessoas, Luiz Edmundo empolgava-se com a seção *Pingos e respingos*, criada por um cearense de pena afiada, Antonio Salles. Suas quadras ou epigramas faziam os políticos tremerem. Uma das suas vítimas foi um diretor da Saúde Pública no Governo de Campos Salles, Nuno de Andrade, agraciado com o mote “Tudo passa e o Nuno fica”, que deu origem a quadrinhas populares inesquecíveis, como esta:

“De certas damas, às vezes,
a barriga cresce, estica,
mas ao fim de nove meses...
Tudo passa. E o Nuno fica.”

O Nuno acabou saindo, assim como, tempos depois, no governo de Rodrigues Alves, o ministro interino das Relações Exteriores, J.J. Seabra, que também ganhou uma quadrinha na seção com o estribilho “*Só tu, Seabra, não sais*”:

“Sai o cobre do tesouro
(e ao sair não volta mais)
Sai do povo a pele, o couro,
Só tu, Seabra, não sais!”

Seabra também saiu.

Pelo engajamento na guerra

O *Correio da Manhã*, através de “mensagens telegráficas”, acompanhou diariamente os últimos acontecimentos da Primeira Guerra Mundial. Os telegramas, de vários lugares, eram quase sempre publicados na primeira página, às vezes, inteiramente destinada ao tema. As notícias referentes ao Brasil começaram a aparecer com mais regularidade em 1917, quando o país entrou oficialmente na Guerra. A relutância inicial em se engajar no evento, criticada pelo *Correio*, foi devido, principalmente, a não ter um efetivo suficiente para garantir a segurança nacional. Contudo, essa demora foi resolvida em 1917, decorrente de pressões internacionais e do fato de três navios mercantes brasileiros terem sido postos a pique pelos alemães. Algumas manchetes permitem observar a evolução do conflito.

Em 2 de abril de 1917: *“A Guerra – Uma sessão tumultuada no Reichstag provocada pelos socialistas.”*

Em 3 de abril de 1917: *“A Guerra – Já está redigida a resolução que declara existir o estado de guerra entre os Estados Unidos e a Alemanha.”*

Em 4 de abril de 1917, uma mensagem do presidente dos Estados Unidos, Woodrow Wilson, ganha o alto da primeira página com o título: *“O Sr. Woodrow Wilson leu a sua mensagem ao Congresso pedindo a guerra.”* Segue-se um trecho da mensagem:

“Lutaremos por alguma coisa que nos tem sido sempre mais clara aos nossos corações: pela democracia, pelo direito daqueles que estão submetidos à autoridade e têm direito de eleger o seu governo, pelo direito e liberdade das pequenas nações, pelo predomínio universal dos direitos.’ Wilson.”

Em 5 de abril de 1917: *“Os Estados Unidos e a deflagração – O Presidente Wilson aguarda a decisão do Congresso para assinar a Declaração de Guerra.”*

Aos poucos o conflito foi ganhando mais espaço no jornal, que publicava todas as mensagens recebidas, diagramadas em espaço próprio, sob o título: *“Que dizem as últimas informações telegráficas recebidas.”* De fato, todas essas notícias, talvez até pela distância que ainda separava o Brasil do evento, pareciam apenas traduções de informes oficiais, sem opinião. Contudo, com os primeiros bombardeios, as notícias pareciam adquirir uma carga de emoção.

Em 6 de abril de 1917: *“Um navio brasileiro torpedeado! – O ‘Paraná’, o maior cargueiro sul-americano foi posto a pique a 10 milhas de Pointe Barfleur – Os outros navios brasileiros em igual perigo – O fato foi oficialmente comunicado ontem ao governo – Três compatriotas nossos mortos.”*

Nesta mesma edição, foram publicadas as declarações do ministro do Exterior, Lauro Müller, sobre a atitude do Brasil. Lauro Müller acabou demitindo-se do cargo.

Em 7 de abril de 1917: *“O ‘Paraná’ foi torpedeado à noite, sem aviso prévio e sem socorro à sua valorosa e indefesa tripulação – Foi o cúmulo o procedimento bárbaro dos alemães, diz o comandante brasileiro – A espera do governo.”*

Em 9 de abril de 1917: *“Não mais delongas. O povo, nas ruas, exige que sejam vingadas as vítimas do torpedeamento bárbaro do cargueiro ‘Paraná’. A solução é urgente!”*

Em 23 de maio de 1917: *“Mais um navio brasileiro torpedeado – O ‘Tijuca’, ao que diz um telegrama oficial, foi torpedeado sem aviso prévio.”*

Em 26 de outubro de 1917: *“O ‘Macau’, ex-Palatia, foi torpedeado por um submarino alemão no Golfo de Biscaia.”*

Foi no bombardeio do “Tijuca” que o ministro do Exterior, Lauro Müller, descendente de alemães, se demitiu. Com isso, Wenceslau Brás se reuniu no Palácio do Catete com Rodrigues Alves, Rui Barbosa e Nilo Peçanha para declarar guerra à Alemanha. Foi assinado o Decreto-Lei nº 3.361 reconhecendo o “estado de guerra” iniciado pelo império alemão contra o Brasil.

Em 23 de outubro de 1917: *“O conselho dos soldados e operários elaborou um programa de paz.”*

Nessa mesma edição foi publicada uma decisão judicial favorável ao *Correio da Manhã*, que teve edições suspensas em razão do estado de sítio:

“O Correio da Manhã obteve sentença favorável do Dr. Octavio Kelly, juiz da 2ª cedente vara federal, para haver uma indenização pelos prejuízos causados com a suspensão do Correio da Manhã por ocasião do último estado de sítio. Na ação em que se pediram, não só os lucros cessantes como os danos emergentes produzidos pela medida arbitrária do governo, foram eles avaliados em 117 contos pela suspensão da publicação do jornal e oitenta contos pelos danos propriamente oriundos da censura policial. O laudo dos arbitrados foi unânime nessa quantia. Sustentou o Sr. Amalio da Silva, advogado do Correio da Manhã, que se não justificava no momento o ‘estado de sítio’ e se legítimo fosse, ainda assim só autorizaria o uso das medidas consagradas de maneira expressa no art. 80, parágrafo 2º, da Constituição Federal.”

O Brasil entrou na guerra precisamente em 26 de outubro de 1917, com uma divisão náutica, uma equipe médica e um grupo de aviadores. Não se pode dizer que tenha sido uma participação gloriosa.

Em 27 de outubro de 1917, o *Correio* publica, sob o título “*O Brasil em estado de guerra*”:

“O Sr. Wenceslau Brás sancionou ontem, à noite, a segunda resolução do Congresso Nacional, referendada por todo o ministério.

‘O Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil: Faço saber que o Congresso nacional decretou e eu sanciono a segunda resolução legislativa.

Artigo único – Fica reconhecido e proclamado o estado de guerra iniciado pelo império alemão contra o Brasil e autorizado o presidente da República a adotar providências constantes da mensagem de 25 de outubro corrente e tomar todas as medidas de defesa nacional e segurança pública que julgar necessárias, abrindo os créditos precisos ou realizando as operações de crédito que lhe forem convenientes para esse fim, revogadas as disposições em contrário.”

Em 6 de novembro de 1917: “*Entre outras medidas excepcionais, o Congresso votará o estado de sítio em toda a república.*”

Texto de mestres

O texto do *Correio* chegou a ser conhecido como o mais bem escrito de todos os jornais da época. Teve revisores e redatores famosos, como Costa Rego (que esteve no jornal, em períodos intercalados, de 1912 a 1930), Graciliano Ramos e Aurélio Buarque de Holanda (década de 40) e Antonio Callado (iniciou sua carreira jornalística no *Correio*, em 1937, como repórter e cronista, retornando em 1954 e lá permanecendo até 1960). Os rodapés literários de Álvaro Lins, redator-chefe de 1940 a 1956, ficaram famosos.

A linguagem foi inovadora em uma época em que o texto jornalístico enxuto e direto, com lide e sublide, era ignorado pelas redações. O jornal de Edmundo Bittencourt, desde os seus primeiros anos, procurava passar emoção ao leitor, mostrando às vezes até mesmo o passo a passo de uma reportagem. Um exemplo pode ser visto na matéria sobre o assassinato do Senador Pinheiro Machado, em 9 de setembro de 1915. Pinheiro Machado havia sido um dos desafetos de Edmundo Bittencourt, chegando a desafiar o jornalista para um duelo a pistolas (desafio aceito, mas que não causou vítimas). Reproduzimos alguns trechos da cobertura da morte do político:

“Seriam mais ou menos 4h35min da tarde. Um dos telefones da nossa redação tilintou, rápido.

– Que deseja?

– É o Correio da Manhã?

– Sim, senhor.

– Quem fala é um dos amigos do Correio. Acaba um homem do povo, ao que parece, de assassinar o Senador Pinheiro Machado.

– Como sabe o senhor disso?

– Agora mesmo saltei do bonde e penetrei no Hotel dos Estrangeiros, de onde lhe falo. O cadáver do Senador Pinheiro Machado acha-se ainda aqui.

22 *Cadernos da Comunicação*

E a ligação foi interrompida.

Imediatamente três dos nossos companheiros abandonaram a redação, para colher informações sobre a notícia que nos fora, tão inesperadamente, comunicada por telefone.

(...)

Era notícia grave demais, para ser acreditada logo, diante das escassas minúcias informadas. Esperamos, por isso, e com explicável ansiedade, a sua confirmação, para a transmitir ao público, em boletins. Já por esse tempo – deviam ser 5 horas – compacta massa de povo, na qual se lobrigavam pessoas de representação social, detinha-se defronte da nossa redação, à espera dos nossos boletins.

(...)

Um dos três companheiros nossos que haviam partido para o Hotel dos Estrangeiros conseguiu, finalmente, comunicar-se com a redação pelo telefone oficial:

– O Senador Pinheiro Machado foi, efetivamente, assassinado, com uma punhalada nas costas no saguão do Hotel dos Estrangeiros. O assassino é um moço brasileiro, nascido em São Paulo. (...)

Afixamos, então, no placard, os primeiros e minuciosos boletins do Correio da Manhã.”

O estilo peculiar, carregado de emoção, que fazia com que o leitor participasse dos acontecimentos, era visto também no noticiário dos grandes acontecimentos políticos, como mostra um trecho da reportagem sobre a Revolta do Forte de Copacabana, em 6 de julho de 1922:

“(...) Algumas baterias de canhão de tiro rápido faziam disparos em direção ao Túnel Novo, na suposição de que as tropas legais ali se encontrassem. O eco formidável dos disparos de tiro rápido, em Copacabana, dava a impressão de que o bairro todo estava sendo arrasado e, daí, o êxodo das famílias que foram procurar outros pontos da cidade.(...)”

Os canhões da Intento na Comunista

Em 1930, o Presidente Washington Luiz é deposto e uma junta governativa assume o comando do Brasil. No Rio de Janeiro, Getulio Vargas toma posse no Palácio do Catete, suspende a Constituição e nomeia interventores em todos os estados e territórios do país, exceto em Minas Gerais. Em abril de 1933, é fundada a Ação Integralista Brasileira, que logo se espalhou por todo o país. Seus representantes entraram em choques constantes com grupos democráticos no Rio de Janeiro e em São Paulo, o que se intensificou principalmente após a criação, em 1935, da Aliança Nacional Libertadora, presidida por Luiz Carlos Prestes. A ANL defendia a suspensão unilateral da dívida externa e a reforma agrária, alterando o quadro político nacional.

Uma sucessão de levantes militares ocorreu em Natal, no Recife, no Rio de Janeiro, orquestrados pela ANL e pelo Partido Comunista. A Intentona Comunista, no entanto, fracassou na tentativa de depor o governo Vargas que, então, conseguiu aprovar, no Congresso Nacional, em 4 de abril de 1935, a Lei de Segurança Nacional, fechando a ANL em 11 de julho do mesmo ano.

Sobre a Intentona, levante no Rio de Janeiro quase que puramente militar e prontamente reprimido, o *Correio* publicou, em 28 de novembro de 1935, um texto carregado de dramaticidade:

“(…)

De momento a momento viam-se as tropas abandonar as posições em que se encontravam para ocupar outras logo adiante. Soldados se arrastando pelo chão, artilharia em pleno funcionamento martelando a fachada da cidadela revoltada, e, lá em baixo, perto do mar, o canhão de grosso

24 *Cadernos da Comunicação*

ronco a despejar granadas no quartel dos amotinados. Cada assobio correspondia a um estrondo e logo as labaredas subiam do ponto visado. Os tiros eram dados com uma precisão notável, notando-se que eram dirigidos por verdadeiros mestres na matéria. Lá do quartel do 3º Regimento, vinha de quando em quando uma resposta através das rajadas de metralhadoras, que iam bater de encontro às casas vizinhas ou nos troncos das árvores, atrás das quais eram vistos os mais afoitos.
(...)”

A Intentona acabou por tornar-se um pretexto para Getúlio Vargas decretar o estado de sítio e a censura à imprensa em todo o país. E ainda foi além: em 1937, decretou o Estado Novo e impôs uma nova constituição.

O Estado Novo e a Segunda Guerra

A deflagração da Segunda Guerra Mundial, em 1939, teve um profundo reflexo no Brasil. Na fase inicial, o avanço vitorioso das forças nazistas, fascistas e japonesas resultou no fortalecimento do regime totalitário aqui dominante.

O Brasil adotou posição neutra, como mostra o noticiário da época. O *Correio*, numa atitude semelhante à tomada quando da Primeira Guerra, enfatizou em matérias e editoriais que essa neutralidade era vista com simpatia pelas nações do Eixo. Demonstrou que não se tratava de uma guerra entre nações, mas entre ideologias, e que o nosso país não poderia continuar apenas como um espectador de uma batalha em que a democracia estava em jogo. A partir da entrada dos Estados Unidos no conflito, entretanto, a posição do governo mudou. A adesão do Brasil às Forças Aliadas, no segundo semestre de 1942, foi a consolidação dessa mudança: o Estado Novo começava a se deteriorar.

Com os Estados Unidos e a União Soviética ao lado dos países que combatiam as tropas alemãs e japonesas e, principalmente, com a Força Expedicionária Brasileira a lutar na Itália, a restauração do processo democrático no Brasil começou a ser debatida e exigida. Para o *Correio da Manhã*, o problema estava em como furar a censura, devolvendo o debate às suas páginas.

Para reiterar a coincidência histórica que reserva ao jornalismo brasileiro o papel decisivo na vanguarda dos movimentos populares, foi a rebeldia do *Correio da Manhã* que desencadeou, com a entrevista de José Américo de Almeida (ex-ministro da Viação de Getúlio

Vargas e candidato malgrado à Presidência da República, pelo golpe de 1937) ao repórter Carlos Lacerda, os acontecimentos de 45 (reação popular contra a ditadura) e de 46 (restabelecimento da ordem democrática com a Carta Magna).

A data da publicação, 22 de fevereiro de 1945, marcou o começo do fim do Estado Novo. A entrevista deveria sair simultaneamente no *Correio*, no *Diário de Notícias* e no *Diário Carioca*, mas só pôde sair no *Correio da Manhã* e foi suficiente para liquidar o DIP, restaurando a liberdade de imprensa, lançar a candidatura do Brigadeiro Eduardo Gomes à Presidência da República e dar os primeiros passos para a formação da União Democrática Nacional (UDN).

Além dos aspectos econômicos, o *Correio* sempre ficou atento às conseqüências da guerra também no aspecto social. O escritor Rubem Braga foi correspondente na Itália durante esse período e depois escreveu muitas crônicas e artigos sobre essa experiência. Entre eles, um texto, em 4 de novembro de 1951, abordou uma das conseqüências diretas da guerra em nosso país, o crescimento da imigração de europeus dos países perdedores para o Brasil:

“(...)

Quando a última guerra terminava, o consulado brasileiro em Florença abriu uma lista de gente que queria imigrar para o Brasil. O afluxo foi enorme: lavradores, industriais, técnicos, artesãos e professores repetiam o nome de nosso país com a esperança de uma vida melhor. Muitas vezes fui interrogado por italianos que queriam saber como podiam ir para o Brasil. Quando a guerra acabou e troquei o velho e estimado paletó pela minha farda de correspondente, escrevi mais de um artigo chamando a atenção de nosso governo para a excelente oportunidade de importar gente ótima para povoar o Brasil.”

A Copa perdida em casa

Em 1950, o Brasil perdeu a Copa do Mundo na final contra os uruguaios, em pleno Maracanã. Numa linguagem beirando o poético, o *Correio* acompanhou a tristeza da torcida ao descrever o estado de desolação na saída do estádio. Mas não deixou de lado a oportunidade de, com fina ironia, criticar o discurso do Prefeito Mendes de Moraes:

“Não houve nem as correrias contumazes à saída do estádio. Era uma autêntica retirada que empreendia aquela torcida exausta, coberta de pó e tristeza. Esconderam as serpentinas. Jogaram fora os confetes, entregaram-se ao cansaço. Parecia até a madrugada de quarta-feira de cinzas. Ninguém falava. Só no bonde, passados os primeiros instantes, começaram os argumentos. Procurava-se justificar, ninguém conseguia. Chegou por fim o desabafo: foi o azar. Azar de quê? De muitas coisas. Não viram que começamos, hoje, pelo lado contrário? Não viram que pela primeira vez atacamos contra a Avenida Maracanã, de início? Argumentou um. E logo outro: e também pela primeira vez o Ademir não abriu o escore? Tudo isso deu azar. Só isso, não. Vocês não viram o principal, argumentou um terceiro. O maior azar foi o Mendes de Moraes. Ele é que foi o culpado. Como dá azar o nosso amigo... Surgiram os apartes. É mesmo. Começou por chamar os uruguaios de campeões do mundo. (...)

(...)

O prefeito nunca deve ter ouvido falar em psicologia. Aquela história de duzentas mil pessoas esperando pela vitória e cinquenta milhões querendo o triunfo deveria ser dita numa situação justamente inversa à da nossa. Se nos sentíssemos inferiorizados, se entrássemos em campo com o moral abatido, convencidos da impossibilidade de vencer. Aí sim um estímulo daquela natureza. Porém nunca na situação de hoje. O prefeito aumentou-lhes a responsabilidade, trouxe mais encargos sobre seus om-

28 *Cadernos da Comunicação*

bros, aumentou o nervosismo, enfim enfraqueceu-os. O fato é que não podia perder a oportunidade da demagogia... eram duzentos mil os presentes, sem falar nos radiouvintes.” (18 de julho de 1950)

Grandes amigos e poderosos inimigos

Edmundo Bittencourt fez muitos adversários com a posição destemida de seu jornal. Entre eles Alcindo Guanabara, figura de destaque da imprensa da época. Rui Barbosa, além de colaborador do jornal, foi, em diversas ocasiões, seu grande destaque. Mas nem sempre o *Correio* esteve a seu lado. Rui foi contra a candidatura de Hermes da Fonseca à Presidência da República em 1909 e o *Correio* a favor. Mas logo o jornal alterou sua posição, justificando sua atitude pela falta de apoio ao candidato militar, passando a apoiar Rui Barbosa e a campanha civilista. Quando da intervenção federal na Bahia, em 1920, passou a publicar artigos que às vezes ocupavam três páginas do jornal.

No romance *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, o escritor Lima Barreto satirizou ferinamente o *Correio da Manhã* e seu diretor. Ganhou com isso um inimigo por toda a vida, mas, ao morrer, não foi ignorado pelo jornal que não deixou de lhe reconhecer os méritos de romancista e literato, mas não o poupou, entretanto, no necrológio, de uma derradeira crítica ao seu estilo de viver:

“(…) Lima Barreto, como todo o mundo sabe, passou a vida na mais incorrigível das boemias. Essa forma de viver terminou por lhe abalar fundamente a saúde, afetando-lhe diferentes órgãos. Ultimamente os seus males se agravaram, vindo o jornalista e literato a falecer pela madrugada de ontem.(…)” (3 de novembro de 1922)

Em 31 de agosto de 1924, por decisão do Presidente Arthur Bernardes, o *Correio da Manhã* foi fechado, sob o pretexto de que estaria imprimindo em suas oficinas um folheto clandestino, o *Cinco de Julho*, divulgando propostas dos rebeldes do levante dos 18 do

Forte, ocorrido a 5 de julho de 1922. Em 20 de maio de 1925, o jornal foi reaberto. Como Edmundo e Paulo Bittencourt encontravam-se presos, o Senador Moniz Sodré assumiu a direção do jornal. O senador era pai de Niomar Moniz Sodré, que se casaria com Paulo, o filho de Edmundo Bittencourt e que, décadas mais tarde, com a morte do marido, em 2 de agosto de 1963, viria a ser diretora-presidente do *Correio*.

Foi em 17 de março de 1929 que Paulo Bittencourt recebeu do pai, além da direção, a propriedade do jornal.

Uma foto vale por mil palavras

O *Correio da Manhã* já nasceu com uma preocupação estética, aspecto pouco comum na imprensa da época. As fotos, charges e ilustrações mostravam que o bom jornalismo não se faz apenas com texto. Mesmo sem cores e numa impressão que deixava a desejar, faziam sucesso e tornaram seus autores famosos, além de dar espaço para novos desenhistas.

A partir de meados da década de 60, cresceu a preocupação com o aspecto gráfico do jornal. E não apenas com a paginação, mas com a valorização das fotografias. Estas passaram a ter uma importância primordial nas coberturas, principalmente numa época rica em manifestações de rua. Os repórteres fotográficos nem esperavam por sugestões de pauta e inovavam. Eram acontecimentos do dia-a-dia registrados na forma de “cineminha” (lance por lance), monumentos clicados de ângulos inusitados, flagrantes originais de personalidades.

Muitas vezes, as fotos ou as charges diziam tudo. Mas o respeito ao leitor também impedia a publicação de fotos sensacionalistas, violentas e chocantes, mesmo quando era simples fazê-las. Como na reportagem sobre a morte do famoso bandido “Mineirinho”, em 1º de maio de 1962, em que o fotógrafo teve acesso ao corpo crivado de balas e atirado na Estrada Grajaú–Jacarepaguá, mas o jornal preferiu publicar uma foto singela de um popular tirando o chapéu:

“(…) Não há pena de morte, muito menos os policiais têm carta de legítima defesa permanente, para matar sem dar as devidas satisfações. Seja a vítima da mais alta periculosidade. Daí seu corpo ter sido manhosamente

transportado para local ermo, numa prova de que nem sempre os detetives sabem despistar. Mas isso é outra história. “Mineirinho” acabou para a crônica policial. Seu corpo, como outro qualquer, só mereceu do popular que aparece na foto o gesto de retirar o chapéu de sobre a cabeça, em sinal de respeito. Em sinal de respeito aos leitores, também evitamos focalizá-lo varado pelas balas.”

Em 16 de julho de 1963, houve uma grande reforma na paginação, quando o jornalista Janio de Freitas ocupava o cargo de superintendente do jornal. Um período curto, pois em novembro do mesmo ano o cabeçalho já não contava com o nome do jornalista, mas no qual o jornal sofreu profundas alterações. As crônicas de Carlos Drummond de Andrade, que viviam escondidas no miolo do jornal, tendo como assinatura apenas um modesto C.D.A., passaram a ter o merecido destaque na última página do Primeiro Caderno. A página editorial, tradicionalmente na sexta página dos jornais, também passou para última. O motivo: o leitor teria primeiro a massa de notícias e, no final, a opinião do jornal sobre o que lera. Embaixo, a charge. No pé da página, à direita, sempre um artigo cultural.

Quando Janio de Freitas saiu do jornal, tudo voltou ao que era antes. Drummond, por exemplo, voltou a assinar C.D.A. e retornou à sexta página, com os editoriais. As reformas no visual, entretanto, prosseguiram. As páginas gráficas – pouco texto e legendas suporte – tornaram-se freqüentes, lançando um modismo que se propagou por toda a imprensa carioca.

Os anos de chumbo

Sessenta e três anos depois de sua fundação, o *Correio da Manhã* era um dos mais sólidos e prestigiosos formadores de opinião do país. Identificava-se com as classes médias conservadoras e com o pensamento liberal do Rio. Suas opiniões eram firmes, desassombradas. Em 1964, a grande imprensa condenou o “desgoverno” de João Goulart e mesmo um jornal liberal como o *Correio* exigiu o afastamento do presidente constitucional e a transferência do poder ao “sucessor legal” em três editoriais – *Basta, Fora e Não pode continuar* – que coincidem com o golpe.

“Fora!

A Nação não mais suporta a permanência do Sr. João Goulart à frente do Governo. Não resta outra saída ao Sr. João Goulart senão a de entregar o Governo ao seu legítimo sucessor. Só há uma saída a dizer ao Sr. João Goulart: saia.

(...)

Qualquer ditadura, no Brasil, representa o esmagamento de todas as liberdades como aconteceu no passado e como tem acontecido em todos os países que tiveram a desgraça de vê-la vitoriosa.

(...)

Nós do *Correio da Manhã* defendemos intransigentemente em agosto e setembro de 1961 a posse do Sr. João Goulart, a fim de manter a legalidade constitucional. Hoje, como ontem, queremos preservar a Constituição. (...)

A Nação, a democracia e a liberdade estão em perigo. O povo saberá defendê-las. Nós continuaremos a defendê-las.” (1º de abril de 1964)

Mas é também o *Correio* a primeira voz na grande imprensa a se opor à nova ordem resultante do movimento militar de 31 de

março. Antes de completada uma semana do golpe, o editorial “A liberdade é um dogma” reconstituiu o compromisso básico do jornal com a democracia, restabelecendo com repentina guinada a coerência abalada.

No dia 2 de abril de 1964, saiu no *Correio da Manhã* a primeira crônica política de Carlos Heitor Cony – “A salvação da pátria” –, abrindo a série de corajosas e causticantes críticas contra o golpe militar localizado “no movediço limite entre duas datas: 31 de março e 1º de abril de 1964”. Cony se transformou num exemplar panfletário nesse período inicial do regime militar. Suas crônicas políticas foram depois reunidas em livro – *O ato e o fato* – que se tornou *best-seller*. Nele estão os trabalhos publicados nos meses de abril e maio de 64, mesmo período em que o *Correio da Manhã* foi praticamente o único diário brasileiro a desafiar a nova ordem. Foi apenas ele que, em 1966, publicou a carta – camuflada na aparência de matéria paga – do jurista Sobral Pinto ao ministro da Justiça, Gama e Silva, protestando contra a cassação do ex-Presidente Juscelino Kubitschek. A posição do jornal pode ser resumida nos parágrafos finais da cobertura da Passeata dos Cem Mil, protesto organizado pelos estudantes contra o governo militar:

“(…) Essa solidariedade significa voto de repulsa popular, não só à repressão policial dos últimos dias, como rejeição da consciência nacional ao confinamento do país num sistema institucional restritivo de suas liberdades, que mesmo quando para mostrar essa restrição não apela para a violência ostensiva.” (27 de junho de 1968)

A agonia de um bravo

As graves restrições às liberdades no país tornam-se mais extensivas no seu alcance e mais abusivas no seu caráter com o Ato Institucional nº 5, de 13 de dezembro de 1968, que fechou o Congresso Nacional, determinou a censura a toda e qualquer manifestação do pensamento, suspendeu as prerrogativas da magistratura e o direito de *habeas-corpus* para crimes de natureza política.

Jornais e jornalistas foram afetados, muitos jornais foram invadidos, depredados ou fechados pela polícia. O *Correio da Manhã* e o *Jornal do Brasil*, entre os grandes da imprensa carioca, deixaram de circular, tiveram diretores presos, foram ocupados por forças policiais e militares. Dentre todos – jornais, revistas e emissoras de rádio mais atingidos pela violência instituída –, foi o *Correio* que pagou o mais alto preço por resistir à ditadura, desaparecendo de circulação.

O jornal, que já vinha mal financeiramente – apesar de ter 1/3 do mercado de classificados do Rio –, sofreu um bloqueio tão forte por parte do Governo que as empresas, por medo de retaliação, deixaram de anunciar nele.

Em 7 de dezembro de 1968, uma bomba de alto poder explosivo foi lançada na agência da Avenida Rio Branco, causando grandes prejuízos. Logo em seguida, no dia 13, foi preso o diretor-superintendente e redator-chefe e, no dia 7 de janeiro, todos os seus administradores, inclusive o próprio diretor de redação e a diretora-presidente, Niomar Moniz Sodré Bittencourt, que teve seus direitos políticos cassados por dez anos, prazo comum determinado pelos militares para essa punição sem qualquer processo. Foi apreendida toda a edição do jornal daquele

dia, antes de ser integralmente impressa. No dia 26 de fevereiro, com suposto fundamento na Lei de Segurança Nacional, foi ordenada a suspensão de circulação do *Correio da Manhã* por cinco dias.

Tantas ocorrências tiveram repercussão desastrosa na vida financeira do jornal. A publicidade caiu assustadoramente, o *Correio* entrou em decadência rapidamente e metade da redação foi dispensada. Em 11 de março de 1969, o jornal entrou com pedido de concordata preventiva, para ser paga no prazo de dois anos.

Até ser arrendado ao grupo Ecos (Editora Comunicações Sistemas Gráficos), encabeçado pelo empreiteiro Mauricio Nunes de Alencar, em 1969, o *Correio da Manhã* fustigou e incomodou como nenhum outro o regime militar que ajudara a chegar ao Poder em 1964, na suposição de estar sendo coerente com os princípios de 1901, “na defesa dos direitos do povo e das suas liberdades”.

O *Correio* deixou de circular em 8 de junho de 1974, com uma edição de apenas oito páginas e 3 mil exemplares, reflexo da crise que reduzira de mil para 182 os empregados, todos com salários atrasados. Aos 73 anos, o jornal que atingira tiragens diárias superiores a 200 mil exemplares passou a responder a um processo de falência.

Eles viveram essa história



Evocação sem nostalgia

*Fuad Atala**

O *Correio da Manhã* era uma escola incomparável. Fiz ali meu aprendizado e boa parte de minha carreira. Foi no período romântico do jornalismo carioca. Quando tudo era mais difícil, e por isso mais saboroso de se conquistar. Não havia nem os recursos tecnológicos nem as disputas da concorrência brutal de hoje. Em compensação as relações de trabalho e o exercício da profissão tinham mais humanidade. Mas não há nostalgia na evocação desse tempo, um tempo gostoso que já passou e que não poderá deter os avanços efetivos e as conquistas desta revolução no campo das comunicações instantâneas, que está apenas no alvorecer.

Um dos fascínios do *Correio da Manhã* era sua inquebrantável rebeldia, sua insubmissão a qualquer forma de mandonismo. Era o traço mais marcante de sua personalidade e certamente foi o instrumento de sua destruição. Relembro aqui um episódio ilustrativo desse espírito. Quando o presidente Jânio Quadros renunciou em agosto de 61, o jornal defendeu com unhas e dentes a posse legítima do vice João Goulart, vetado pelos militares. No interregno que decorreu até sua confusa posse, Carlos Lacerda, então governador, impôs, à revelia de Brasília, a censura aos jornais no Rio. Luiz Alberto Bahia, o redator-chefe, não concordou. Não só impediu a presença dos censores na redação, como não permitiu que se tocasse em uma linha sequer do texto. A censura entrou num acordo. O jornal seria impresso sem qualquer mutilação. Em compensação, não circularia. Os exemplares seriam recolhidos pelo Dops na boca da rotativa. E assim foi, por vários dias.

Fazíamos um jornal quente, vibrante, com editoriais candentes, o noticiário contando os bastidores da trama política que se urdia visando o impedimento de Jango, sob a orquestração de Carlos Lacerda – todo esse esforço, que se estendia até de madrugada, para nada. Frustrados ao fim do quinto ou sexto dia de trabalho infrutífero, partimos para uma proeza. Lotamos a mala do carro de um colega com exemplares do jornal e rumamos para o Tabuleiro da Baiana, no Largo da Carioca, onde os bondes da Zona Sul faziam o retorno. Começamos a distribuir o jornal. Os passageiros avançavam sobre nós disputando os exemplares. Seguimos pela Almirante Barroso e nos dirigimos à Rua México, quando fomos interceptados por um jipe do Dops. Levaram-nos para a Chefatura de Polícia, na Rua da Relação.

Lá mofamos a tarde inteira até as primeiras horas da noite numa sinistra Sala de Explosivos, onde já nos aguardava um notório incorporador imobiliário da época, Santos Vahlis, que assinava no *Correio* artigos em defesa de Jango, produzidos pelo seu *ghost writer* Franklin de Oliveira, um dos editorialistas do jornal. Do grupo faziam parte Carlos Heitor Cony, Aziz Ahmed, Álvaro Mendes, Paulo Ramos, chefe do Arquivo, e eu. Claro, a notícia logo chegou à redação do *Correio* e apesar do clima truculento da ocasião foi possível “negociar” com o Dops a nossa liberação sem maiores conseqüências. A volta à redação foi “triunfal”. Fomos recebidos com ovação. Mas o jornal, que apoiou a posse de Jango, logo desencantou-se com seu governo e passou a mover-lhe feroz oposição, com ataques cada vez mais contundentes, culminando com os famosos editoriais “Basta” e “Fora”. Jango foi deposto. Começava a ditadura, na qual o *Correio da Manhã* percorreria o calvário que o arrastou ao fim.

Era assim o jornal fundado por Edmundo Bittencourt em 15 de junho de 1901 e que circulou pela última vez em 8 de junho de 1974, depois de passar por uma das mais cruentas perseguições que uma ditadura como a de 64 pôde impor para calar a voz que tanto incomodava o regime. O espírito de seu fundador, com o grau de quixotismo que todo idealismo requer, perpassa do princípio ao fim a trajetória do *Correio da Manhã*. A questão que permanece no ar até hoje é: ao contrário dos demais que sobreviveram, por que só o *Correio da Manhã* sucumbiu ao furacão de 64? Não terá sabido, como em todas as batalhas entre forças desiguais – no caso, infinitamente desiguais – fazer o recuo estratégico na hora certa para ganhar alento mais adiante? Ou terá preferido exaurir sua independência e rebeldia até o extremo, e, vencido sem rendição, entregar-se à própria imolação?

(*) Fuad Atala foi editor do segundo caderno do *Correio da Manhã* e de *O Globo*.

Da necessidade de falar bem

*Carlos Heitor Cony**

Trabalhava em outros jornais e percebia que o pessoal do *Correio da Manhã* era o mais prestigiado nas salas e comitês de imprensa da época. Muitas vezes, uma autoridade, um político, um artista de renome davam uma entrevista coletiva mas todos percebiam que o entrevistado estava falando apenas para o *Correio*.

Era um jornal graficamente mal feito, numa época em que o *Diário Carioca*, *Última Hora* e o próprio *Jornal do Brasil* já haviam adotado uma diagramação limpa de fios, com espaços em branco, sem falar na linguagem em si, com o advento do lide e sublide, títulos padronizados em uma, duas, três colunas, fotos abertas etc.

Em 1960, recebi o convite de dois amigos, Idalício de Oliveira Filho e Fuad Atala, que desejava implantar o copidesque no *Correio da Manhã*, com tudo o que ele traria dentro da rotina redacional.

Formou-se um grupo que, após as naturais reações, conseguiu modernizar graficamente o jornal. Quanto ao conteúdo, este era “imexível”, vinha de Edmundo Bittencourt e Paulo - de quem Carlos Lacerda dizia: “Só se vende por um jantar que ele mesmo paga”.

O forte do *Correio* sempre foi o editorial, que hoje chamamos de opinião. Numa sala isolada, na parte da frente da redação, funcionava o *Petit Trianon*, apelido que o pessoal dera ao espaço em que os principais redatores ficavam. Entre eles, mais ou menos contemporâneos, Costa Rego, Carlos Lacerda, Luiz Alberto Bahia,

Antônio Callado, Otto Maria Carpeaux, Graciliano Ramos, Álvaro Lins, Franklin de Oliveira, Marcio Moreira Alves, Hermano Alves, Janio de Freitas, que foi inclusive redator-chefe, José Lino Grünewald e Newton Rodrigues. Entre os colunistas, Carlos Drummond de Andrade, Moniz Viana, Paschoal Carlos Magno, Van Jafa, José Condé, Brito Broca, Octavio de Faria, Jaime Maurício, Eurico Nogueira França, Jorge Leão Teixeira.

Ao lado dessa turma de colunistas, havia o pessoal do cinema, espalhado pelo copidesque, pela internacional, pelo segundo caderno. Eram os rapazes do Moniz Viana, faziam parte do Conselho de Cinema e davam bolinhas pretas para as porcarias e estrelinhas para as obras-primas. Dois cineastas saíram do conselho para fazerem seus próprios filmes: Walter Lima Júnior e Maurício Gomes Leite. Fixaram-se na crítica: Valério de Andrade, Sérgio Augusto, José Lino Grünewald, Salvyano Cavalcanti de Paiva. Anos mais tarde, já perto do fim, entraram outros nomes de peso, como Paulo Francis, Ruy Castro, e, por uns tempos, Nelson Rodrigues.

Mas o referencial básico do *Correio* sempre foi sua independência e seus editoriais. Uma entrevista de Carlos Lacerda com José Américo de Almeida foi o início do fim do Estado Novo, trazendo de volta a democracia para o Brasil, embora por tempo limitado.

Famosos, também, os editoriais de Álvaro Lins contra Carlos Lacerda, que já em outro jornal, combatia violentamente o programa desenvolvimentista de Juscelino Kubitschek. Ficaram históricos os títulos dos três editoriais: *Um pobre rapaz*, *Um triste rapaz*, *Um pobre coitado*. Igualmente históricos ficaram os dois editoriais publicados nos dias 31 de março e 1º de abril de 1964: *Basta!* e *Fora!*

Minha carreira no *Correio* durou cinco anos. Comecei no copidesque, depois fui para os editoriais, fiz reportagens internacionais. Com a remodelação do jornal, editei as duas páginas principais, a primeira e a última, que tinha a mesma força da primeira. Foi no *Correio*, também, que me iniciei na crônica. Antes, no *Jornal do Brasil*, escrevia aleatoriamente sobre cinema, literatura, balé, assuntos diversos em forma de artigos ou séries. Mas a convite de Fuad Atala e Moniz Viana, comecei a publicar *Da arte de falar mal*, que durou cinco anos e me levou para seis prisões.

(*) Carlos Heitor Cony é também escritor, membro da Academia Brasileira de Letras.

O *Correio* ainda vive

*Bertholdo de Castro**

“Comunistas, comunistas, comunistas...”

Assim os militares-censores eram saudados pelos jornalistas ao entrarem na redação do *Correio da Manhã*. Da portaria vinha o aviso de que estavam subindo e todos se preparavam para recepcioná-los. Representavam a ditadura que acabara de impor o Ato Institucional nº 5 (AI-5) no dia 13 de dezembro de 1968. Ocupavam a sala deixada vazia pelos editorialistas e mantinham a porta fechada. Entravam apenas os contínuos, levando as matérias para serem lidas e quase sempre censuradas. Os textos, muitas vezes, nem tratavam do governo, mas eles cortavam qualquer possível crítica ao regime, como na mensagem de Natal do Papa Paulo VI, da qual excluíram uma referência aos “povos oprimidos”.

A única pessoa que freqüentava a sala sem constrangimentos era o contínuo Brito. Todas as noites, ele servia cafezinho à redação. Vinha do restaurante com uma bandeja repleta de xícaras e bules de café. Mas antes, visitava os censores tendo o cuidado de destampar os bules para deixar escapar o aroma da bebida. Depois de encarar um a um, dizia: “Sinto muito, mas o café é para jornalistas”. O humor não se esgotou apenas neste gesto. Apareceu também na parede sobre o mictório do banheiro masculino: “Não faça xixi com os censores: eles cortam tudo”.

O bom humor permeava o trabalho no jornal. Havia camaradagem. Espírito de equipe. Preparar uma edição representava

prazer, alegria e emoção, graças à possibilidade de ser exercida a liberdade de imprensa, motivo de identificação entre os jornalistas e o jornal. O *Correio* defendia seu direito de informar (e de criticar), como aconteceu no dia seguinte ao atentado a bomba à sua agência na Avenida Rio Branco, ao estampar na primeira página de 8 de dezembro de 1968 o editorial *O Responsável*, no qual apontava “à consciência nacional o responsável direto pelo terrorismo: o presidente da República, marechal Artur da Costa e Silva”.

A posição política permeava também a reportagem, como na denúncia de Pery Cotta sobre a Operação Para-Sar e na matéria de Fuad Atala descrevendo o ataque da cavalaria da Polícia Militar contra os participantes de uma missa na Candelária. E a grande manifestação em meados de 1968 foi eternizada em manchete do *Correio* como a “passeata dos 100 mil”.

Mas o *Correio*, que nunca se curvou diante das arbitrariedades, começou a morrer na longa noite do AI-5, quando os militares e agentes do Dops invadiram o jornal. Depois do incidente, chegaram os censores que lá ficaram até 7 de janeiro de 1969. Os anúncios institucionais foram retirados e as agências de propaganda suspenderam a publicidade. O jornal definiu até ser arrendado no início de 1970 por empresários e deixou de circular em 8 de junho de 1974, sete dias antes de completar 73 anos de existência.

Testemunhei esses acontecimentos e muitos outros entre junho de 1966, quando lá cheguei por indicação do redator Edson Cabral, e fevereiro de 1970. Participei de muitas entrevistas coletivas que começavam somente com a chegada do repórter do *Correio*. Ganhava-se pouco, mas recebia-se formação profissional e ética na casa criada por Edmundo Bittencourt, que no editorial de fundação

afirmou que a “neutralidade com que certa imprensa tem por costume carimbar-se, é puro estratagema para, mais a gosto e a jeito, poder ser parcial e mercenária. Jornal que se propõe a defender o povo não pode ser, de forma alguma, jornal neutro. Há de ser, forçosamente, um jornal de opinião”.

E por defender sua opinião e considerar a liberdade de informar um bem inegociável, o *Correio da Manhã* morreu sem perder a dignidade que o caracterizou ao escrever a História do Brasil. Mas ainda vive na memória daqueles que trabalharam em suas páginas e foram felizes.

(*) Bertholdo de Castro começou sua carreira no *Correio da Manhã* e trabalhou em jornais e revistas do Rio.

O mais influente do Brasil

*Marcio Moreira Alves**

O *Correio da Manhã* foi, durante 50 anos, num tempo em que não existiam rádio nem TV, o jornal político mais influente do Brasil. Era mais que um jornal. Era uma escola de jornalismo, uma fortaleza política, uma trincheira de combate, quase sempre na oposição. Fundado pelo gaúcho Edmundo Bittencourt e desenvolvido por seu filho Paulo, comemoraria hoje o seu centenário. Faliu em 1974.

Entrei para o *Correio da Manhã* em 1953, aos 17 anos, como repórter, primeiro de polícia, depois de artes plásticas, em seguida na política, de onde nunca mais saí, embora promovido a editorialista. Vinha de bonde da casa de meus pais, em Laranjeiras, e saltava em frente ao jornal, na Avenida Gomes Freire. Infelizmente, quando cheguei, o chefe da revisão, que fazia o mesmo trajeto, acabara de se aposentar. Foi por isso que só conheci Graciliano Ramos pelas histórias que de seus hábitos e ranzinzices dele contavam os mais antigos, como a parada obrigatória no Bar Marialva, para uma talagada de cachaça ao chegar e outra ao sair, já tarde da noite, e os recados mal-humorados que mandava aos redatores que tomavam liberdades com a língua portuguesa.

Edmundo Bittencourt, maragato, trouxe dos pampas as rixas com o infundável governo chimango de Borges de Medeiros e a tendência oposicionista que exerceu contra os presidentes Campos Sales, Rodrigues Alves e, sobretudo, Hermes da Fonseca, no qual a influência de Pinheiro Machado, representante de Borges de Medeiros na capital, era muito grande. Chegaram ao ponto de travar

um duelo na praia do Leme, do qual Edmundo saiu com um desmoralizante ferimento nas nádegas.

O *Correio* nunca deixou de tomar posição nos debates nacionais, muitas vezes de forma injusta. Foi assim que se opôs a Oswaldo Cruz e à vacinação obrigatória contra a varíola. Duvidava até da validade científica da vacina, que qualificava de pus das vacas. Na campanha contra a eleição de Artur Bernardes publicou as famosas cartas ofensivas às Forças Armadas, que eram falsas. Apoiou a revolução de 1930 para, em seguida, opor-se a Getúlio Vargas. Defendeu a candidatura de José Américo contra Armando Salles e, logo no pós-guerra, usou uma entrevista do ex-candidato, crítico de Vargas, concedida ao repórter Carlos Lacerda, para acabar com a censura à imprensa.

Hoje, os grandes jornais descobriram que seus leitores são de todos os partidos e, em épocas eleitorais, procuram manter neutralidade. No passado, eram abertamente partidários, adotando candidatos. O *Correio*, como os demais grandes jornais, foi declaradamente favorável às candidaturas do brigadeiro Eduardo Gomes, tanto contra o general Dutra como contra Getúlio Vargas. Foi, também, favorável a Juscelino Kubitschek mas, como não conseguia ser governista muito tempo, com ele rompeu quando anunciou a intenção de mudar a capital para Brasília. Violentamente contra João Goulart, publicou dois editoriais de primeira página às vésperas do golpe militar: “Basta” e “Fora”. Dias mais tarde passava a criticar a revolução. A oposição que fez ao regime, inclusive abrindo espaço para as denúncias de torturas a presos políticos que Hermano Alves e eu fazíamos, acabou por provocar um boicote à publicidade empresarial no jornal. Hermano e eu fomos eleitos deputados federais pelos nossos leitores, em 1966, mas o jornal acabou falindo.

Tudo o que sei de jornalismo foi no *Correio da Manhã* que aprendi. Naquele tempo, os chefes de reportagem tinham tempo e paciência para desasnar os jovens repórteres. No *Globo* era famoso o Alves Pinheiro, baiano acariocado, que fumava imensos charutos e tratava os repórteres com paternal rigor. No *Diário Carioca* o domador de focas era Pompeu de Souza, que se mudou para Brasília e acabou eleito senador. No *Correio*, os mestres eram Luiz Alberto Bahia, secretário da redação, e Mauricio Caminha de Lacerda, meio irmão de Carlos, com quem não se dava. Mauricio lia os meus textos com um lápis vermelho na mão. Dizia:

“Um repórter tem de responder no texto a algumas perguntas simples: o que aconteceu, onde, como, quem praticou o ato e, se possível, por que razões. E tem de escrever com o máximo de simplicidade. Se não sabe escrever claro, leia Machado de Assis.”

Procurei consumir uma dose dupla de Machado. A aplicação não me salvou do Mauricio muitas vezes dizer que eu tinha miolo de tamanduá-bandeira, animal por cuja capacidade intelectual tinha desprezo.

No *Correio* aprendia-se também pelo exemplo. Quando fui baleado em Alagoas, o redator-chefe, Antonio Callado, foi me substituir. Explicou-me que um chefe não pode mandar um repórter correr perigo se não está disposto a substituí-lo. É uma regra da Marinha Britânica. Callado foi o único inglês que conheci na vida real. Saído direto de um livro de Rudyard Kipling. No entanto, ninguém foi mais brasileiro do que ele.

(*) Marcio Moreira Alves foi editorialista do *Correio da Manhã*, fez parte do corpo editorial da Enciclopédia Barsa (Enciclopédia Britânica) e foi deputado federal cassado durante o regime militar. Atualmente é colunista do jornal *O Globo*, onde foi publicado este artigo, em 16/06/2001.

“Pega a máquina, sai por aí e te vira”

*Erno Schneider**

Cheguei no *Correio* em 1964, logo depois do golpe. Estava na *Editora Abril* e fui convidado por Niomar Moniz Sodré para ser editor da fotografia. Ela queria fazer uma reforma gráfica no jornal que tinha uma paginação muito pesada.

Briguei com os fios, consegui tirar, e as páginas ganharam mais leveza, mais espaços em branco, as fotos abertas. Eu tinha inteira liberdade para trabalhar e uma equipe muito boa. O subchefe era o Manoel Gomes da Costa e o laboratorista o Luiz Vilhena, que dava os cortes certos para valorizar as fotos. Muitas vezes o gancho da matéria era a fotografia. Lembro muito dos textos brilhantes do José Louzeiro, que surgiam a partir das fotografias. Os próprios fotógrafos ajudavam, davam idéias. Eu dizia para eles: “Pega a máquina, sai por aí e te vira. Volta daqui a dois dias”. Eu mesmo era um chefe que ia muito para a rua, gostava de fotografar detalhes dos acontecimentos.

O segundo caderno era mais voltado para a cidade. Procurávamos retratar, em páginas gráficas com fotos bem abertas, o lado humano, o dia-a-dia e os problemas urbanos. Eu tinha muita interação com o editor, o Fuad Atala. Naquela época, no primeiro caderno, o movimento estudantil também nos dava ótimas oportunidades, apesar da dificuldade de trabalhar, pois os repórteres e fotógrafos do *Correio* eram muito perseguidos.

Um dia a Niomar me chamou e disse que eu estava liberado porque o jornal estava fechando. Era o ano de 1969 e fui para *O Globo*, levando a minha equipe. Fiquei lá 17 anos.

(*) Erno Schneider começou sua carreira de fotógrafo no Rio Grande do Sul nos jornais *O Clarim* e *Última Hora* regional. No Rio de Janeiro trabalhou nos *Diários Associados*, no *Jornal do Brasil*, na *Editora Abril*, no *Correio da Manhã* e no *Globo*. Ganhou o Prêmio Esso de Fotografia, em 1962, com a foto do presidente Jânio Quadros de pés tortos, a famosa “Qual é o rumo?”.

O jequitibá da Avenida Gomes Freire

*Jorge Leão Teixeira**

O *Correio da Manhã* caiu do céu quando eu hesitava entre abrir caminho na profissão de jornalista ou dedicar-me à paixão pelo teatro, com a qual iria co-habitar algum tempo, mesmo depois de ingressar naquele jornal. Lá aprendi tudo sobre jornalismo e muito sobre outras coisas, graças ao convívio democrático que imperava na redação, sem distinção entre o seu primeiro time – gente como Antonio Callado, Luiz Alberto Bahia, Álvaro Lins, Otto Maria Carpeaux, Thomás Colaço, Jayme Magrassi, Maurício Caminha de Lacerda, José Antonio Lima Guimarães (Guima), José César Barbosa, José Condé, Salim Simão e tantos mais – e aqueles que trabalhavam nas várias editorias, coordenadas pelo incansável Castro, secretário do jornal.

Fui colaborador do caderno dominical de variedades, escrevi sobre turfe, tornei-me crítico teatral, tomei conta da seção de rádio, era regratês da seção de artes plásticas (importantíssima, pois lidava com Niomar Moniz Sodré, que então construía o Museu de Arte Moderna), tapava buracos na reportagem geral e cuidava do almanaque anual do *Correio*.

A grande oportunidade, porém, surgiu quando a idéia de lançar uma seção descontraída, “Flagrantes”, assinada por J. J. & J., encantou o dono do *Correio*, Paulo Bittencourt, que deu sinal verde para a sua publicação num espaço nobre do primeiro caderno. Fiquei responsável pelos “Flagrantes” durante muito tempo, mesmo após

assumir o cargo de diretor da Editora Visão. E, quando no regime militar, Niomar fez um apelo aos antigos colaboradores para apoiarem o *Correio*, voltei a escrevê-la, sendo premiado com um processo movido por um general da linha dura que me deu muitas dores de cabeça. Mas valeu a pena ajudar o jornal ao qual eu tanto devia, profissional e culturalmente.

Paulo Bittencourt, assim como o superintendente José Velasco Portinho e o gerente Alínio Salles, também me deixaram boas lembranças e alguns vícios que ainda me doem no bolso: como eram três *gourmets*, apresentaram-me aos bons vinhos e aos bons pitéus. Paulo Bittencourt gostava de reunir um grupo de redação na sua enorme sala, ao cair da tarde, para discutir o editorial, os tópicos, a política. Discussões deliciosas, regadas a um principesco *scotch*, que ele importava para sua adega, localizada sob o saguão de entrada do jornal, na Avenida Gomes Freire.

Mais importante nisso tudo era a coragem e a ética que norteavam a bússola do jornal, que não se curvava ante ameaças e conchavos, mantendo sua cabeça erguida, a qualquer preço, risco ou sacrifício. Postura que incorporei e mantive até hoje na minha atividade profissional, fiel ao comportamento do meu saudoso *Correio da Manhã*.

(*) Jorge Leão Teixeira dirigiu a *Editora Visão* nos anos 70, permanecendo na sucursal do Rio de Janeiro até o final dos anos 80. Hoje escreve para a *Revista Nacional* e para a *Problemas Brasileiros*.

Vamos falar de mulheres ?

*Fernanda Gurjan**

Foi um homem quem bolou o título da página feminina mais badalada no final da década de 50. Guima, que tinha uma excelente coluna no segundo caderno. Esta página foi o começo de um novo jornalismo feminino.

Entrei para o Correio em 1961, bem foca, inteiramente deslumbrada por estar começando no maior jornal do país. Jornal que meu pai (e toda a minha família) assinava desde sempre, e encontrei o “Vamos falar de Mulheres?” sob a batuta da competente Maria Cláudia de Mesquita e Bonfim, que redigia, editava, diagramava e ainda arranjava tempo para nos ensinar.

Foi um Caderno Feminino diferente do que existia. Sim, escrevia-se sobre os Diors e os Givenchys, sobre as jóias e os chapéus, sobre o ti-ti-ti das socialities, mas, entre as plumas e paetês, já apareciam as “outras notas”, aquelas que, até então, ficavam nas colunas de comentários políticos ou econômicos.

Inventamos uma coluna, naqueles anos novidade, que dava uma programação cultural, semanal, com indicadores do que estava *up-to-date* em exposições de artes plásticas, teatro, restaurantes, livros e até roupas e acessórios. Sucesso.

Era um caderno semanal. A redação fechava às 8h (20h) toda sexta-feira. No começo não sei onde era feita a diagramação mas, depois, era na “salinha do feminino”, quando o Correio Feminino

passou a ter sua sala própria, separada da redação geral.

Lá chegavam o Bernardo – diagramador mui especial do Feminino –, o George Gafner, que fotografou gerações de mulheres bonitas, de homens famosos e políticos importantes – eram as horas mais divertidas do trabalho. Dar palpites nas colocações das fotos e das ilustrações (feitas por D. Krystyna Konwerska) no corpo do título.

O Feminino tinha uma geladeirinha e às sextas, no fechar do Caderno, tínhamos o *happy hour* (à época não tinha este nome, com certeza) freqüentado pela melhor parte da redação.

Até hoje, não sei por que, antes de Bernardo ser eleito o diagramador oficial do Caderno, sempre havia o telefonema interno do linotipista, Carlinhos, avisando que tinha um buraco: “vou botar uma trovinha”. NÃAAAO, gritava Maria Cláudia. Imagine! Uma trovinha no final de uma entrevista com aquele professor da PUC que partia em defesa do divórcio ?! Sem a trovinha , a bendita entrevista já criara caso. A “ foca” foi chamada no quarto andar e ouviu Paulo Bittencourt dizendo, no telefone, ao reitor da PUC: “O *Correio da Manhã* apóia a jornalista. Ela escreveu o que foi dito pelo entrevistado. Não irá fazer correção alguma.” Caso encerrado.O professor saiu da PUC.

Ao lado das receitas de bolo ou do ponto-de-tricô havia sempre espaço para uma matéria sobre um autor, uma entrevista com alguém badalado nas artes ou no esporte. Na época, futebol era o esporte maior e assim fui entrevistar Garrincha.Estava meio encabulada com a minha entrevista. Enquanto a redigia, quase toda a Redação veio dar uma espiada no texto, até que o Bahia (ou ainda era o

Callado ?) me chamou pedindo a matéria. Com a delicadeza, que sempre foi uma constante em todos os chefes que tive no *Correio*, disse: “Minha filha, a matéria está ótima, mas vamos mudar o título. O jornal deixou de ver estampado no dia seguinte, em corpo 38, o meu primeiro título no jornalismo: “Anjo de Pau Grande faz milagre”.

O *Correio* foi para mim o maior jornal do país e, sem dúvida o grande celeiro de jornalistas e escritores, sem Comunicação Social, mas com muita comunicação inteligente e fidedigna.

(*) Fernanda Gurjan trabalhou no *Correio da Manhã* e na *Folha de S. Paulo*. Atualmente é editora das publicações da Fundação Mudes/Instituto Brasileiro da Juventude.

Caminhando com os leitores pelos recantos do Rio

*Idalício Manoel de Oliveira Filho**

Do início da carreira em um grande jornal a gente nunca esquece... Principalmente quando o grande matutino carioca era o *Correio da Manhã*, de tradição na imprensa brasileira, formador de opinião e de invejável força política, para muitos como eu “autêntico curso de admissão ao Jornalismo”. Foi no *Correio* que também me formei, de 1960 a 70, saindo com boa experiência que me levaria profissionalmente a outros jornais e à Prefeitura em 77.

Repórter amador, divulgador do Centro Excursionista Brasileiro, antigo leitor e admirador do *Correio*, já mantinha contatos quase diários com esse e outros meios de comunicação que também acolhiam o noticiário do clube e entrevistas com *lagartixas* (escaladores de montanhas) muito antes de 1960. Como o *Correio* publicava a seção dominical Parques e Jardins, levei a idéia das excursões a pé com os leitores a Rossini Pinto, seu redator, que prontamente a aprovou.

Anunciada a caminhada à Floresta da Tijuca, onde além da atividade recreativa, de graça, seriam dadas informações sobre a flora “da maior floresta urbana do mundo”, tivemos a adesão de outro redator, Fuad Atala, que ajudaria Rossini nas explicações sobre Botânica. Membro atuante da Fundação Brasileira para a Conservação da Natureza, Fuad também incentivava o Excursionismo, com Luiz Bravo e o chefe da Fotografia, Luiz Bueno Filho.

Dessa aproximação maior com o *Correio* e pelo que se fazia espontaneamente para popularizar os benefícios das atividades ao ar livre, numa época em que os jornais não tinham promoções junto aos leitores e que nada ou raramente se falava de Ecologia, Meio Ambiente, Defesa da Natureza e Incentivo ao Turismo Doméstico, acho que resultou o convite de Fuad Atala e de Aloísio Gentil Branco, um dos secretários de Redação, para minha admissão no jornal. Inexperiente, ainda relutei a princípio, mas acabei aceitando.

Como Fuad estava organizando o copidesque, fui trabalhar imediatamente com ele, apesar de admitido como repórter de setor, salário de Cr\$ 20 mil, 60 dias de experiência. Obtive registro profissional em 1961, filiando-me ao Sindicato dos Jornalistas e à ABI. Em 63, passei a redator, colaborando também em outras seções e nas excursões recreativas que o *Correio* passou a divulgar em espaços nobres.

É desse tempo e da pequena contribuição que pude dar àquele jornal, organizando e acompanhando as excursões, com Rossini e Fuad, que preferi falar neste depoimento, porque outros colegas mais antigos e mais atuantes já lembraram o que ele representou para nós e milhares de leitores. Caminhar com os leitores, nos anos 60, continuava com sucesso crescente: mais de mil participantes no passeio marítimo pela Guanabara, com desembarque na Ilha das Cobras, onde assistimos às evoluções da Banda Marcial dos Fuzileiros Navais, formando um *CM* em homenagem ao jornal.

Também em defesa do excursionismo e do montanhismo, lembro ainda a intervenção excepcional do *Correio da Manhã*, com a ajuda de Fuad Atala, complementando com notícias e reportagens o trabalho da UBE – União Brasileira de Excursionismo e de seu

presidente Secundo Costa Netto pela preservação do Dedo de Deus como símbolo do montanhismo brasileiro. *Lagartixas* e o jornal pressionaram o Governo Federal (JK) e o pagamento da desapropriação da Fazenda do Garrafão, em Magé, onde está aquele pico, acabou saindo dias antes de vencer o prazo, para alívio de todos os que temiam a retomada da área e a proibição de acesso aos montanhistas.

Junto essas evocações às que estão alinhadas nos demais depoimentos, lembrando antigos companheiros, vivos ou em nossa saudade, e o velho *Correio* na Gomes Freire, que por sua força política ajudou a eleger quatro parlamentares de seu quadro de redatores e repórteres (Márcio Moreira Alves, Hermano Alves, Fabiano Vilanova e Alberto Rajão), e que com três editoriais derrubou um Governo...

(*) Idalicio Manoel de Oliveira Filho trabalhou dez anos no *Correio da Manhã* e 30 em outros jornais e assessorias de imprensa. Há 24 anos é assessor na Coordenadoria de Comunicação Social/Prefeitura do Rio (atual Secretaria Especial de Assuntos Estratégicos), em dez administrações municipais.

Um gigante não vive como anão

*Celso Itiberê**

Cheguei ao *Correio da Manhã* em 1970, quando ele já estava nas mãos dos irmãos Maurício, Mário e Marcello Alencar. E só o fiz graças à generosidade de Zuenir Ventura, que era o editor-chefe. Num dia, Washington Novais, o diretor, e eu, o chefe da redação, saímos da *Ultima Hora*, de Samuel Wainer. No outro estávamos trabalhando na redação da Gomes Freire.

O diretor era Franklin de Oliveira e ali estavam, entre outros, Hilcar Leite, Newton Carlos, João Máximo, José Trajano, Fernando Calazans, José Paulo Kupfer. Todos tentando dar vida a um belíssimo projeto gráfico de Reynaldo Jardim. Depois vieram ainda Janio de Freitas, como diretor e, quando deixei o jornal, o editor-chefe era José Augusto Ribeiro.

Ao ler esses nomes, a pergunta é: mas então era um grande jornal? Não, não era. Tinha perdido o prestígio de outrora e lutava com grandes dificuldades para sobreviver. De um lado, não era olhado com bons olhos pelas autoridades, por causa do seu passado político e isso o tornava pouco atraente para as verbas publicitárias oficiais, que na época eram enormes. De outro, vendia pouco, na sua luta para encontrar um nicho no público formador de opinião que, à época, era cativo do *Jornal do Brasil*. O *Globo*, na época, era um vespertino de pouca influência, que não ia às bancas nas segundas-feiras e que iria decolar para o sucesso logo depois, com a chegada de Evandro Carlos de Andrade para dirigir a redação.

O clima na redação de Zuenir era ameno, um pouco o da casa da gente, e por isso algumas coisas que podem parecer bizarras hoje, acabaram me marcando muito. Por exemplo, uma vez terminado o jornal, todas as noites, a maior parte dos repórteres e redatores, antes de sair para o chope saideira, armava um futebolzinho com bola de papel. Uma meia linha para aliviar as tensões. Arrastavam-se armários, empurravam-se mesas - e lá estava o espaço vital, o nosso campinho.

Havia calor humano, uma verdadeira fraternidade. Nada que pudesse de longe se assemelhar às redações tecnológicas de hoje. A informática facilitou a vida dos jornalistas, mas aboliu das redações os ingredientes agregadores. Ficaram práticas e eficientes, mas perderam a alma.

Fiquei poucos meses, mas lembro que, mais do que tudo, o que me fascinou naquele *Correio* foi o fluxo de criatividade, exercido a cada dia de modo intenso. Num jornal que atravessava enormes dificuldades, as idéias surgiam, se desenvolviam e se tornavam realidade. E o projeto gráfico de Reynaldo Jardim enquadrava-se nisso. Era minimalista. Poucas soluções, mas suficientes para enfrentar todos os problemas do dia-a-dia.

E foi no segundo caderno, batizado de “Anexo”, que apareceu uma coluna que viria a ser copiada, de um modo ou de outro, por todos os jornais, aristocratas ou populares. Chamava-se “Balaio”. Tomava duas páginas, era inovadora na diagramação e tratava os acontecimentos da cidade e do mundo tendo por base os personagens.

Nem os talentos nem a beleza do desenho, porém, foram suficientes para dar ao jornal a perspectiva de sobrevivência. Sai

antes do fim, sem esperanças. A morte do *Correio* era historicamente previsível. Quando grandes jornais afundam, seja por razões políticas, seja pressionados por questões econômica, a ressurreição é impossível. Os gigantes não conseguem viver como anões.

(*) Celso Itiberê começou na *Folha de São Paulo*, indo depois para o *Jornal da Tarde*. No Rio, trabalhou na *Ultima Hora*, *Correio da Manhã* e *O Globo* (onde assina uma coluna semanal sobre automobilismo, o “Pit stop”), com passagens pela *TV Globo* e pelo jornalismo da *Rádio Jornal do Brasil*. Atualmente também presta serviços para a *Globo.com*.

O meu primeiro emprego

*Heloisa Daddario**

Entrei na redação do *Correio da Manhã* aos 19 anos, no primeiro ano da faculdade de Comunicação da UFRJ, em 1970. Não foi uma coincidência para quem, aos 7 anos, queria ser jornalista. Sou neta de jornalista e sobrinha-neta de jornalista e do dono do jornal *A Nação*. Devia ter aprendido a lição e ter fugido das redações – porque jornalista – ou melhor, repórter, que é o que continuo sendo até hoje, é profissão difícil, mal paga e pouco reconhecida.

Se, aos 19 anos, tivesse entrado em outra redação qualquer, teria continuado minha faculdade de História. Quis o destino que eu entrasse no *Correio*. Já não era o jornal de Antonio Callado e Otto Maria Carpeaux. Os grandes nomes já não ocupavam as mesas de fórmica com velhas máquinas de escrever.

Mas lembrem-se que o Brasil vivia um dos piores momentos da ditadura do presidente Médici. E a redação do *Correio* era um paraíso. Enquanto do lado de fora a depressão era geral, dentro do jornal vivia-se um clima de cumplicidade. Era preciso esconder alguém? O editor designava o mais apto para a missão e o repórter saía com o fugitivo escondido no banco de um fusca.

Nos anos de chumbo, a redação do *Correio* era jovem, politizada e bem-humorada. Não havia lugar para carreiristas e o eterno mau-caráter. Vocês podem achar que esta é a visão de uma jovem. Não se esqueçam que, àquela época, tínhamos vivido maio de 68, o movimento hippie e lutado contra a ditadura. Que outro tipo de conduta um jovem ou um jornalista poderia ter?

Pois é. O *Correio* foi meu primeiro emprego. Ali era a minha praia. Fui foca de minissaia bem curta e muitas reportagens. Corria

da faculdade para o jornal, comia um sanduíche de queijo, pegava a pauta e ia à luta. Saía da redação às 22 horas, trabalhava sábado de manhã, em feriado e era feliz.

Até hoje, se encontro alguém do *Correio*, é para lembrar dos bons tempos, tempo de gente de qualidade, de profissionais que fizeram escola. E, mais do que tudo, de um companheirismo que não encontro mais. Tempo de algo mágico que se perdeu nas redações de hoje. Falta de ética? Amor ao vil metal? Falta de visão social do trabalho? Sei lá. Pode ser tudo e mais alguma coisa. Os tempos mudaram, os jornais mudaram, viraram empresas. Mas que a gente morre de saudade do *Correio da Manhã*, ah, isso ninguém pode negar.

(*) Heloisa Daddario trabalhou no *Opinião*, na *TV Globo*, no *Jornal do Brasil*, em *O Globo* e no *Correio Braziliense*. Foi redatora de propaganda na Almap/BBDO e da agência Agnello Pacheco. Atualmente é Coordenadora de Publicidade e Propaganda da Secretaria Especial de Projetos Especiais da Prefeitura do Rio de Janeiro.

Trinta e um anos de *Correio*

*José Fernandes**

Entrei para o *Correio* aos 23 anos, como revisor, em setembro de 42 e me aposentei em fevereiro de 73. Passei por vários cargos, fui até editor internacional no período da Guerra do Vietnã. Saí um pouco antes de ele encerrar suas atividades.

Lembro do Graciliano Ramos, trabalhei com ele. Era um indivíduo reservado. Fazia a revisão dos originais, justamente daquela parte essencial, dos artigos assinados e dos editoriais. Ele trabalhava diretamente com o Costa Rego e exigia um português escorreito. Nesse trabalho não nos encontrávamos, pois eu era chefe da revisão. Eu trabalhava em um andar abaixo e ele acima. Mas nos víamos sempre no restaurante. Houve também outros editorialistas importantes, como o Edmundo Moniz e o Mário Pedrosa.

O *Correio da Manhã* era um jornal de opinião e nunca mudou nesse sentido. Não mudou até mesmo quando foi arrendado a um grupo de empresários. E teve de acabar porque a ditadura foi implacável, ameaçava até os anunciantes. Lembro do primeiro censor que entrou lá, até conversei com ele, era o Euclides Figueiredo Filho, tenente-coronel na época, irmão do ex-presidente João Figueiredo.

O *Correio* sempre foi corajoso. Na época da ditadura quem se destacou muito foi o Cony, com aqueles artigos maravilhosos. Tinha também o Márcio Moreira Alves, o Hermano Alves. O *Correio* ficou com tanto prestígio naquela época que estes dois

conseguiram ser eleitos deputados federais. E o Fabiano Vilanova e o Alberto Rajão como deputados estaduais. O Cony só não foi eleito porque não se candidatou.

O período de apogeu do *Correio* foi quando praticamente elegeu o Juscelino Kubitschek. O Álvaro Lins foi o esteio da campanha do Juscelino. Durante um período o Álvaro ficou como redator-chefe, tinha um rodapé famoso onde fazia críticas literárias. Quando Juscelino foi eleito, foi ser chefe da Casa Civil. Uma vez, quando ainda estava no jornal, em resposta a um comentário de Carlos Lacerda, escreveu três editoriais – “Um pobre rapaz”, “Um pobre coitado” e “Um pobre diabo” – e acabou com ele. Lacerda publicou uma notinha dizendo que não faria mais nenhum comentário. Mas a projeção de Carlos Lacerda também se deve ao *Correio da Manhã*. Primeiro com a entrevista que ele fez com o José Américo, que derrubou o Getúlio em 45. Hoje todo mundo sabe quem fez a entrevista, mas na época, não. Essa entrevista tirou a autoridade do DIP. Daí para a frente os jornais começariam a perder o medo. Foram tomando coragem e fazendo o mesmo.

Para mim, o dia mais alegre do *Correio da Manhã* foi o do Cinqüentenário, em 15 de junho de 1951. O Paulo Bittencourt promoveu uma festa para todos os funcionários no High Life, um clube ali na Rua Santo Amaro que só funcionava praticamente no carnaval e para eventos especiais. Foi uma festa maravilhosa. Todo mundo participou. O *Correio* tinha cerca de 500 funcionários naquela época, 500 famílias dependendo dele. Já o fato mais triste, para nós que trabalhávamos lá, foi realmente quando o Paulo Bittencourt morreu em Estocolmo, na Suécia. Ele segurava o jornal. Mantinha uma linha de bom combate. A Niomar manteve a linha de oposição do jornal contra a ditadura,

com uma firmeza extraordinária. Ela chegou a ser presa. Quiseram até colocar uniforme de prisioneiro nela.

O título *Correio da Manhã* ficou por aí por muito tempo. O prédio continua fechado e os herdeiros nem se preocupam com ele. Parece que eles vivem na Europa e não se interessam.

Nunca pensei em escrever um livro. Já escreveram sobre tudo que existe, não tem mais espaço. Acaba se tornando uma repetição das coisas.

(*) José Fernandes ficou durante 31 anos no Correio da Manhã em diversos cargos. Colaborou também para o jornal do Clube de Engenharia.

Faculdade sem vestibular

*Luiz Bravo**

O *Correio da Manhã* foi minha faculdade de jornalismo. E o melhor para mim: ingressei sem fazer vestibular. Explico: na época, 1953, o protocolo de admissão à redação do *Correio* exigia a passagem inicial pela revisão. E depois, quase sempre, no setor de Polícia.

Somente a ousadia de um pós-adolescente contribuiria para tentar um lugar num dos melhores jornais do País, naquela época. Tinha 19 anos, fazia o 2º ano do curso científico no Instituto La-Fayette, na Tijuca. Minha experiência em jornalismo começou aos 15 anos, quando freqüentava as redações, levando notícias do movimento escoteiro. Depois, estágio em agência de notícias e colunas sobre escotismo nos jornais *A Manhã* e *Correio Radical*.

Entrei no *Correio* pela porta dos colaboradores. Fazia a coluna “Vida Escoteira”, publicada às quartas-feiras e recebia, às quintas-feiras, Cr\$ 200,00 (duzentos cruzeiros). Outras colunas foram por mim criadas (“Vida Excursionista” e “Vida Turística”). Em setembro de 1954, minha carteira de trabalho foi assinada como repórter de setor. Continuei a fazer as colunas e passei a trabalhar como repórter do Departamento de Publicidade.

Sob a direção de Oscarino Vasconcellos, chefe da Publicidade, fazia textos das chamadas matérias pagas e também de promoções do *Correio*. É oportuno lembrar que Edmundo Bittencourt não admitia que se confundisse o leitor com a chamada “matéria paga”,

texto redacional com conteúdo de interesse de quem pagava. O *Correio* só aceitava a publicação dessas matérias, cuja tabela de preços era o dobro da comum, depois de aceita pelo redator-chefe e publicada dentro dos padrões do jornal. Isto é, além do título ter corpo diferente, as fotografias com tamanhos maiores, o texto era em negrito e inseridas em quadro. Ao final da matéria, encerrando-a, aparecia o número do talão de pagamento da inserção. Tudo para que o leitor não confundisse a matéria paga com a editorial.

Particpei como repórter e da produção de muitos eventos promocionais. Em maio de 1955, quando se comemoravam os dez anos do fim da Segunda Grande Guerra, o *Correio*, para celebrar o Dia das Mães daquele ano, homenageou as mães dos pracinhas mortos. Qual não foi a minha surpresa e emoção, ao ser beijado no rosto por uma das mães que, comovida, agradecia a homenagem que lhe dava a alegria que há anos não sentia, desde a morte de seu filho.

Conheci muitos jornalistas famosos, principalmente os que passaram pela redação do *Correio*. Quem mais me impressionou como pessoa e profissional foi o sempre modesto Luiz Bueno Filho, chefe da Fotografia do jornal. Bueno, cujo pai trabalhou também no *Correio*. Era o conselheiro e mesmo consultor dos “focas”. Estava sempre orientando-os, na sua simplicidade de irmão mais velho. Principalmente em matéria de ética profissional, o Bueno foi excelente professor e exemplo, inclusive de vida. Talvez tenha sido o único repórter-fotográfico que, no Rio, trabalhou no mesmo jornal, sem outro emprego ou bico, por mais de 50 anos.

A homenagem que pretendo prestar a Bueno Filho é publicar seus relatos profissionais e principais fotos que tirou nos anos em que viveu o *Correio da Manhã*.

(*) Luiz Bravo trabalhou no Correio da Manhã de 1953 a 1974, como colunista, redator de publicidade, produtor de eventos, chefe da divisão de relações humanas e finalmente, com a coluna "Memorandum". Quando o Correio terminou, passou a fazer a revista do Sindicato dos Lojistas, onde está até hoje.

Uma escola de jornalismo e de vida

*Luiz Carlos de Souza**

Trabalhei no *Correio da Manhã* de 1966 a 1971. Entrei no jornal com 21 anos, estagiário, sonhos e desejo de ser jornalista. O Brasil, já sob regime militar. Convivi com os melhores jornalistas do País, como Otto Maria Carpeaux, Newton Carlos, Franklin de Oliveira e Pery Cotta. Este último meu chefe de reportagem e pauteiro, paradigma, experiente, calmo. Seu lema, diante das tensões e nervosismos do dia-a-dia e com jovens ainda em formação, era sempre: “cabeça fria”.

O jornal foi uma escola de jornalismo e de vida, apesar de termos trabalhado num período de regime ditatorial, com censura à imprensa, prisões e cassações de mandatos parlamentares. Entre os fatos mais marcantes lembro da invasão do jornal por policiais armados no dia 13 de dezembro de 1968, de decretação do Ato Institucional número 5, que suprimiu as liberdades. O AI-5 funcionou com o apoio da drástica Lei de Segurança Nacional (LSN), que tudo podia. Tempos difíceis.

Muitos desistiram de ser jornalistas. Eu e meus colegas de estágio continuamos. Por mais que apreendessem edições do *Correio* assim que acabavam de rodar, ou que censurassem, íamos em frente. O jornal que apoiara o golpe militar, com as manchetes “Basta” e “Fora” contra o presidente João Goulart, após sua eclosão passou à oposição.

Estudantes faziam passeatas e o *Correio da Manhã* dava as melhores coberturas com reportagens e fotografias. Nas ruas a

repressão policial fazia prisões, dissolvia os protestos com bombas de gás lacrimogêneo, cassetadas e tiros. Ajudei a carregar feridos para ambulâncias; fotógrafos tinham as máquinas quebradas e os filmes apreendidos ou velados na hora para evitar a documentação das pancadarias.

Com a edição do AI-5 as ruas silenciaram. Ficaram para trás a passeata dos 100 mil e outros protestos. Os estudantes, com suas organizações, caminhariam, muitos, para a clandestinidade. O País viveria a onda de seqüestros de diplomatas em troca de liberdade de presos políticos. E sempre só podia sair o que a censura permitisse ou fosse oficial, em matéria política, principalmente.

Historicamente, quando não há democracia crescem nos meios de comunicação as editorias de polícia e cidade. Já que não se pode falar das outras coisas... vamos para os crimes, esportes, música, matérias sobre buracos de ruas, plantio de árvores. Havia sempre alguma solenidade militar para cobrir. Às vezes eram lidas ordens do dia severas.

Por ser oposição, o *Correio da Manhã* sofreu a pior censura à imprensa: a econômica, que sufoca uma empresa. Empresários foram intimidados a não anunciar num jornal que era contra o Governo. Sem publicidade, não tinha como se sustentar, Bancos dificultaram o crédito. Houve também a explosão de uma bomba em sua agência de publicidade, como em tantos outros órgãos, feita por grupos extremistas.

Concordatário, o jornal foi arrendado em 1969 para a empresa dos irmãos Alencar (Marcello, Maurício e Mário). O contrato acabou em junho de 1974 e o jornal deixou de circular. Em suas páginas

deixei algumas das minhas melhores reportagens. A série sobre os maus-tratos aos doentes mentais em colônias e hospitais públicos; a do abandono do patrimônio histórico, artístico, cultural e paisagístico nacional; a viagem pelo Rio Amazonas de Belém a Manaus, de navio, em que crianças eram oferecidas à venda nos portos de parada. Muitas reportagens sobre a cidade e seus personagens.

Aprendemos no *Correio da Manhã* a fazer fazendo. Com a ajuda de redatores (copidesques) que corrigiam forma e conteúdo e erros de português. Um deles, Idalício Filho, ainda hoje está na ativa, na Prefeitura do Rio. Passar pela porta do jornal, na Avenida Gomes Freire, é sentir mais que saudade. Dá um gosto de página virada, e a sensação de que vamos entrar correndo para redigir uma reportagem na máquina de escrever.

(*) Luiz Carlos de Souza foi repórter no *Correio da Manhã*, Estado de S. Paulo, Folha de S. Paulo, Jornal do Brasil, Jornal do Commercio, O Globo e Diário Comércio e Indústria (DCI). Atualmente é assessor de Comunicação Social da Fundação Instituto de Geotécnica do Município do Rio de Janeiro (Geo-Rio).

“Não é melhor começar por baixo?”

*Oziel Peçanha**

Corria o ano de 1949, mais precisamente o mês de setembro, quando fui levado por um amigo, o linotipista Enoque, que trabalhava naquele jornal, para tentar uma oportunidade na sua famosa redação. Fui apresentado ao secretário de redação, na ocasião o “velho” Edmundo Castro, que informou que o quadro estava completo. Desilusão, mas logo em seguida uma sugestão: “Fica por aí mesmo. Nas oficinas há uma vaga. Não é melhor começar por baixo?”

Naquela mesma noite iniciei o sonho no *Correio da Manhã*, começando no setor de emenda. Dali passei pelo prelo, paginação, linotipo, até que o “doutor” Camilo Éesper, chefe-geral das oficinas, me chamou para seu auxiliar direto. Depois de pequenas colaborações, inclusive com problemas de palavras cruzadas, fui convidado a assumir uma coluna com assuntos de rádio e televisão, “Pelo Ar...”, que em pouco tempo já ocupava página inteira. Por volta de 1956, com a saída do responsável pela coluna diária “Rádio & TV”, fui convidado também a assiná-la, passando a usar o pseudônimo “Barnabé”. Mais tarde, completando minha subida nesse grande jornal, fui elevado à posição de secretário gráfico.

O *Correio da Manhã* nos dava a oportunidade de crescer. Sua direção confiava no nosso poder de crítica e criação. Sempre foi uma grande casa de trabalho. Ali se começava e se ia até a aposentadoria.

Foram um benefício para a minha vida os quase 25 anos dedicados ao jornal, onde tive como incentivadores o Guima, o José Condé, o Luiz Alberto Bahia, o bom Edmundo Castro, o Gesner Morgado, o Bueno Filho, fotógrafo, o Antônio Callado, o Edmundo Moniz, o Idalicio Manoel de Oliveira Filho (que sempre me substituíra nos impedimentos), o Queiroca-Revisor, o Orlando Bondet (chefe de pessoal), o Dr. Alínio Salles (gerente) e muitos outros. Pena é que tudo aquilo não volte mais...

(*) Oziel Peçanha também trabalhou na TV Rio, na Rádio Roquette Pinto, na Emissora Continental, na Rádio Mauá, na Rádio Capital, na Rádio Tupi, na *Luta Democrática* e como assessor de imprensa da Câmara Municipal de Queimados – RJ.

Um jornal para confrontar e enfrentar o poder

*Pedro do Coutto**

O *Correio da Manhã*, um dos maiores, mais influentes, mais brilhantes e vibrantes jornais que o Brasil teve até hoje, completaria este ano cem anos de existência. Não tivesse ele — infelizmente — morrido em 1969, quando foi arrendado, e sepultado a 8 de junho de 74, quando eu e Afonso Cascon, em meio a uma redação quase deserta, produzimos seu último número diário. O *Correio da Manhã* tornou-se um marco indelével e eterno na imprensa brasileira, ao mesmo tempo testemunha, intérprete e personagem figurante de quase 70 anos da vida brasileira. Desapareceu — como digo sempre — na névoa do tempo, mas até hoje permanece e para sempre permanecerá como um monumento do jornalismo nacional. Durante toda sua vida de lutas, manteve-se fiel ao manifesto de Edmundo Bittencourt, seu fundador em 1901: um jornal que veio como um personagem de Dumas para confrontar e enfrentar o poder. O velho prédio da Avenida Gomes Freire, onde só o passado penetra, está impregnado do espírito indomável e inconformado que do início do século passado até sete décadas emocionou, contaminou e entusiasmou gerações e gerações de jornalistas que lá trabalharam. E lá trabalharam grandes vultos: Otto Maria Carpeaux, Antônio Callado, Luiz Alberto Bahia, Newton Rodrigues, Carlos Heitor Cony, Jaime Maurício, Eurico Nogueira França, Van Jafa, Antônio Moniz Viana, José Lino Grünwald, Marcio Moreira Alves, Jânio de Freitas, José Louzeiro, Rui Castro, Armando Micelli, Franklin de Oliveira e Álvaro Lins. Carpeaux, Franklin e Álvaro Lins figuram entre os maiores editorialistas da história. Trabalharam Edmundo Castro,

Aloísio Branco, Fuad Atala, grandes secretários e editores, Cícero Sandroni, além de um companheiro hoje na *Tribuna da Imprensa*, Lindolfo Machado. Não quero esquecer Oyama Teles e Ariosto Pinto, Alípio Monteiro, Maurício Caminha de Lacerda.

Em 76, tentei, com o apoio do síndico da massa falida, Dario Santos, reeditar o jornal. Fizemos uma bela edição, reproduzida por *Vêja*, para evitar a caducidade do título. O esforço, gostaria que fosse lembrado na história do CM, mas em termos concretos foi em vão. Apenas um sonho de uma noite de novembro, um sonho que hoje ninguém mais alimenta. Nem sei como está o título ou se pelo fato de o jornal não ter sido editado há mais de dois anos, caiu no domínio público.

Assisti de perto a grandes lutas do nosso velho *Correio*, que Fuad Atala com propriedade chamou de leão indomado. Sempre pela democracia e pela liberdade. Pela posse de João Goulart no episódio da renúncia de Jânio Quadros, contra a censura e o cerco do jornal determinado em agosto de 61 pelo governador Carlos Lacerda, momento altíssimo na vida de seu redator-chefe, Luiz Alberto Bahia, que rechaçou a censura, especialmente vinda de outro jornalista, e rodou a edição para ser apreendida. Isso de madrugada. À tarde, saímos pelas ruas, ao lado de Carpeaux, Cony, Fuad, Aloísio Branco, distribuindo o jornal pelas ruas. Foi um ato de amor pelo *Correio da Manhã*. O mais marcante entre tantos que carrego na memória e no coração.

O *Correio da Manhã* foi a favor do movimento revolucionário de 64, publicou editoriais de profundidade contra o governo, arriscando-se quando o panorama era indefinido. Mas poucos dias depois de 31 de março, voltou-se bravamente contra os rumos

ditatoriais da revolução. Os militares haviam conquistado o poder. Iniciaram um ciclo que só terminou vinte anos depois com a vitória da chapa Tancredo Neves-José Sarney e a posse do vice na Presidência da República face à morte do titular. O acontecimento pertence à história recente.

No ciclo militar de poder, o *Correio da Manhã* bateu-se contra os arbítrios, as torturas, os torturadores e defendeu os torturados. Ficou, mais uma vez, com a lei e os direitos humanos. Contra o ato institucional número 5, seu último lance épico, culminando com a prisão de sua diretora-presidente, Niomar Moniz Sodré Bittencourt. O grande jornal que rompeu a censura no governo ditatorial de Vargas, em fevereiro de 45, através de uma entrevista do ex-candidato à Presidência, José Américo de Almeida, dada ao repórter Carlos Lacerda, hoje é uma parte da história deste país, que dele, *Correio da Manhã*, deve se orgulhar. Em todos esses anos, uma triste coincidência: de ter atuado para romper a censura, Lacerda atravessou o tempo tornando-se censor. Mas eu falava que o *Correio* é motivo de orgulho dos jornalistas de ontem, como nós, devendo ser também dos jovens de hoje e de sempre. Nosso trabalho naquele jornal assinala sem dúvida os anos de mais entusiasmo de nossas vidas profissionais. O *Correio da Manhã* não completou cem anos. Mas tenho a certeza de que será lembrado, eternamente, em outros séculos que virão. Ele nunca será esquecido. É um monumento eterno.

(*) Pedro do Coutto trabalhou no *Correio da Manhã* de 59 a 74, até o jornal fechar. Autor dos livros *O voto e o povo* e *Brasil, o fracasso do conservadorismo*, em parceria com Antônio Houaiss, e de parte da *História política do Estado do Rio de Janeiro*, edição da Assembléia Legislativa com a Fundação Getúlio Vargas. Trabalhou no jornal *O Globo*, de 72 a 75, e hoje faz parte da “Mesa de Debates” do Programa Haroldo de Andrade, na *Rádio Globo*. Este artigo foi publicado na *Tribuna da Imprensa*, em junho de 2001.

Bibliografia

ANDRADE, Jeferson de (com a colaboração de SILVEIRA, Joel). *Um jornal assassinado: A última batalha do Correio da Manhã*. José Olympo Editora.

Arquivo do *Correio da Manhã*. Biblioteca Nacional.

BAHIA, Juarez. *Jornal, história e técnica*, vol. 1: História da imprensa brasileira. Editora Ática.

COTTA, Pery. *Calandra: O sufoco da imprensa nos anos de chumbo*. Editora Bertrand Brasil.

MELLO E SOUZA, Cláudio. *Impressões do Brasil*. A imprensa brasileira através dos tempos · Rádio · Jornal · TV. (Iniciativa cultural do Grupo Machline).

RITO, Lúcia; ARAÚJO, Maria Elisa de; ALMEIDA, Candido José Mendes de (organizadores). *Imprensa ao vivo*. Editora Rocco.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Editora Martins Fontes.



Este livro foi composto em Garamond, corpo 11/14, títulos em Garamond, corpo 22, subtítulos em Arial, corpo 16/16, e notas em Helvética Narrow, corpo 9/10, títulos das opiniões em Garamond, corpo 16/16, assinatura das opiniões em Garamond, corpo 10/12. Miolo impresso em papel *offset* 90gr/m² e capa em cartão supremo 250gr/m² na Imprinta Gráfica e Editora, em abril de 2002.